



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV – JACOBINA
REDE UNEB/2000 - PIRITIBA
CURSO DE PEDAGOGIA – HABILITAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

EDVALDO ANTONIO SILVA SAMPAIO
ELIZABETE FERREIRA DA SILVA
MARILEUZA FERREIRA DE LIMA
ROSÂNGELA GOMES DA SILVA

FATORES QUE DIFICULTAM A ALFABETIZAÇÃO
NAS SÉRIES INICIAIS

Piritiba – Bahia
2001

137

FATORES QUE DIFICULTAM A ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS

ORIENTADORA:

Professora Lucinete Chaves de Oliveira

CONSULTA



Trabalho apresentado em cumprimento às exigências do curso de Licenciatura em Pedagogia – Habilitação para Professores nas séries Iniciais do Ensino Fundamental da Universidade do Estado da Bahia - Rede UNEB/2000.

UNEB - DEP. IV - IAC

**FATORES QUE DIFICULTAM A ALFABETIZAÇÃO
NAS SÉRIES INICIAIS**

COMISSÃO EXAMINADORA

Piritiba, Dezembro de 2001.

“Estar vivo é assumir a educação do sonho no
cotidiano.
Ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela
paixão...
É preciso educar o medo e a coragem.
Medo e coragem em ousar.
Medo e coragem em assumir a solidão de ser
diferente.
Medo e coragem em romper o velho.
Medo e coragem em construir o novo...
Este é o drama de permanecer vivo...
Fazendo Educação”.
(Madalena Freire)

"Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende
ensina ao aprender".
(Paulo Freire)

"A educação é feita com duas mãos: uma que dá amor, proteção, aconchego e outra que frustra, que diz não, que oferece a regra. O equilíbrio é o ideal".

(J. Piaget)

AGRADECIMENTOS

A Deus

Que durante esta longa caminhada nos ampare, que no momento em que cansarmos nos dê força, que nos tropeços e nos entorses nos siga, que nos erros de percursos nos corrija em tempo, que nos mais árduos obstáculos nos estruture e qualifique, porém, neste momento em que com êxito concluimos mais esta jornada, nada temos a pedir, só agradecer. Obrigada, Deus.

Aos Mestres

Se teus projetos são para um ano, semeiam grão. Se são para dez anos, planta uma árvore. Se são para cem anos, estrutura um povo. Semeando uma vez o grão, colherás uma única vez. Plantando uma árvore, colherás cem vezes. Se deres um peixe a um homem, ele comerá uma única vez. Se porém, o ensinares a pescar, ele comerá a vida inteira.

À Turma

Há homens que lutam um dia e são bons,
Há homens que lutam um ano e são melhores,
Há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons.
Porém, há aqueles que lutam toda a vida:

Estes são imprescindíveis.

Pois a mais bela coragem é a confiança que devemos ter na capacidade de nossos esforços. Que o estímulo seja grande, que o caminho seja longo para nunca desistirmos, para que a luta seja eterna.

Aos amigos

... "É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar na verdade não há"...
Legião Urbana.

Aos colegas

"Idealizamos mobilizamos, reunimos, trabalhamos, criamos, discutimos,
festejamos, discordamos,
mas enfim...
Formamos e continuamos amigos".

Aos Funcionários

"Se todos os teus esforços forem vistos com indiferenças, não desanime,
porque o sol ao nascer dá um espetáculo todo especial e, no entanto, a maioria da
platéia continua dormindo".

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 – Referencial Teórico.....	15
1.1. Fatores que Dificultam a Alfabetização nas Séries Iniciais.	15
1.1.1. A Aprecensão das Múltiplas Linguagens no Processo de Alfabetização.	22
1.1.2. A Escola Não é Lugar Exclusivo para o Ato de Aprender a Ler e Escrever. É um Espaço Aberto para Aprender.	25
Capítulo 2 – Metodologia	30
Capítulo 3 – Apresentação e Análise de Dados	32
Considerações Finais	34
Bibliografia.....	36
Anexos	38

INTRODUÇÃO

A partir dos estudos de Emilia Ferreiro, hoje se sabe que a alfabetização decorre de um processo de aquisição a ser construído por aquele que aprende. É o resultado da combinação de hipóteses que o aprendiz tem a respeito da escrita, influenciadas pelas concepções daquele que ensina, com o objetivo de desenvolver um sistema de representação da linguagem.

A abordagem da alfabetização, enquanto resultado de um processo provocou um desequilíbrio: não mais se aceitam métodos e cartilhas tradicionais, pois estes não partem de abordagens da alfabetização como um processo, além de desconsiderar o valor semântico. Igualmente, se questiona o valor do desenvolvimento das habilidades básicas voltadas para o treinamento perceptivo-motor.

O que se percebe na prática pedagógica é uma instrução voltada para o desenvolvimento de conteúdos acadêmicos, que servirão para instrumentalizar o aprendiz mais tarde. Quando o aluno apresenta dificuldades, o sistema não consegue identificá-las ao nível do processo.

Atualmente, a aprendizagem da leitura e da escrita é concebida como resultante da combinação de competências psicológicas, lingüísticas e sociais

(Cazden, 1981). Para ler, compreender e interpretar um texto não é suficiente que o indivíduo apenas reconheça os símbolos decodificando-os.

O comportamento lingüístico da leitura é complexo, envolvendo habilidades e conhecimentos de várias modalidades, existindo diferenças no procedimento da leitura nos leitores de diferentes níveis. Para ler, compreender e interpretar é necessário tanto o reconhecimento da palavra, letras, sons, processo este chamado de “baixo para cima” como a possibilidade do leitor guiar-se pela antecipação e pelo conhecimento a respeito do assunto, processo este chamado de “cima para baixo” (Cazden, 1981).

O leitor principiante e o leitor avançado quando têm pouco conhecimento a respeito do assunto utilizam-se mais do processo “baixo para cima”, porém no caso do leitor principiante, compete ao professor chamar a atenção para a mensagem, a fim de que este possa usar o processo “cima para baixo”.

Uma terceira explicação para o procedimento que o leitor faz, a fim de atingir a compreensão, é indicada por Jorm (1985). Ele o chama de processo interativo, onde a técnica de “cima para baixo” e de “baixo para cima” interatuam influenciando-se mutuamente. Esta abordagem evidencia a necessidade de estimular o desenvolvimento de ambas as habilidades, pois estão presentes na técnica de leitura compreensiva.

Outra questão a ser tratada é o analfabetismo, que se tornou um dos problemas educacionais que exige um tratamento de urgência. Trata-se de uma questão social. A história nos mostra este fato. O Brasil, apesar das intensas lutas do seu povo, continua em situação de dependência. Inicialmente, de Portugal, depois da Inglaterra e por último, dos Estados Unidos.

A educação foi um instrumento do qual lançaram mão os sucessivos grupos que ocuparam o poder, para promover e preservar essa dependência. Quando não através da exclusão pura e simples, impedindo-se o acesso de grande parte dos brasileiros à escola.

É importante salientar que não basta alfabetizar o homem, para que ele adquira nova mentalidade e se converta em agente econômico eficaz, político responsável ou social construtivo.

“O ensino fundamental deve começar esse trabalho pelas bases, pois tudo está por fazer. Além de alfabetizá-lo, é importante despertar a consciência para práticas, idéias de vida e valores sociais que nunca foram acessíveis às massas populares. Enquanto isso não ocorrer, o povo permanecerá ausente da vida pública, alienado de seus direitos e obrigações sociais, deixando o campo aberto às aves-de-rapina, empenhados de satisfazer anseios, incutidas de riquezas, de prestígio e poder”. (Estudos Adicionais Caxiense, Problemas Educacionais Brasileiros, 164: pp 17, 18).

Partindo do pressuposto de que a escola é uma peça importante e está funcionando mal, cabe à sociedade e aos educadores, provocarem essas mudanças, que só acontecerão se os principais interessados se manifestarem.

O ensino brasileiro prioriza a idade cronológica da criança e despreza o seu estágio de desenvolvimento mental; isto acontece porque, empiricamente, se estabelece que a idade ideal para a criança iniciar-se no mundo da escrita e da leitura é de sete anos. Todo mundo aceita isso, sem questionar a falta de fundamento científico dessa prática.

É preciso, no entanto, que se analise cada passo para depois decidir o momento certo de iniciar a alfabetização de uma criança, além de que o despreparo

do professor é um problema grave, verificado também, na escola particular, com os que ficam com as turmas de 1ª série, que estão preparados para isso, sabendo o que vão enfrentar.

Na escola pública, a situação é completamente diferente, o professor nem sempre recebe esse preparo e comete erros ao pensar que todos seus alunos vão trilhar juntos o caminho da alfabetização.

No que diz respeito à formação do professor, muitas pesquisas e estudos (TASCA, 1989; POERSCH, 1983; GATTI, 1981) têm apontado sua relevância devido às influências negativas que podem exercer no desempenho dos alunos das camadas populares, quando não garantem competência para o enfrentamento das dificuldades apresentadas por essa clientela, em seu processo de alfabetização. Há uma idealização do aluno na formação dos professores. Os currículos e programas são inadequados às características individuais das crianças, ao seu ritmo de aprendizagem, bem como os métodos de ensino não respeitam as características da criança carente e os valores culturais de suas famílias (Melo, 1988)

⌘ Sabe-se que as questões apontadas como responsáveis pelo fracasso escolar independem, única e exclusivamente, da ação direta da escola e do educador. Esse fato nos remete a uma análise crítica da relação dessa escola com o contexto histórico, bem como do papel do educador, enquanto cidadão comprometido com as ações transformadoras demandadas pela realidade sócio-política de seu tempo.

Feita essa análise, cabe à escola, e a seus profissionais, a compreensão do seu papel mediador entre essa clientela e a aquisição do conhecimento valorizado socialmente.

Por este motivo, os professores do Município de Piritiba, sentiram a necessidade de conhecer de perto os fatores que interferem na vida do sujeito, levando-o ao fracasso escolar.

Acima de tudo, este trabalho objetiva provocar uma sensibilização por parte do alfabetizador, conscientizando não somente os professores, mas principalmente os governantes, pois todos são responsáveis pelo cumprimento da LDB que determina que todas crianças têm direito à educação. Compete ao Município o cumprimento da lei e a oferta de educação de qualidade para todos.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. FATORES QUE DIFICULTAM A ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS

O autoritarismo, a inimizade, a falta de solidariedade e o desinteresse do professor podem levar o discente a desinteressar-se e não aprender. Com essa postura, o educador estimula os alunos a assumirem comportamentos de dominação e autoritarismo em relação aos seus colegas. Numa sala de aula com esse clima de competição e indiferença, cria-se um ambiente de desconfiança, de rejeição e agressividade. (Piletti, 1988)

Um ambiente escolar estático e rígido favorece a submissão, a passividade e a dependência, tornando o aprendiz incapaz de tomar suas próprias decisões. Outro aspecto a considerar, refere-se ao material de trabalho que os docentes têm em mão. Os currículos e programas são inadequados às características individuais das crianças e ao seu ritmo de aprendizagem.

Segundo Piletti (1988: p. 164), o sistema social no qual se vive produz uma escola inadequada ao desenvolvimento da criança, uma escola que procura anulá-la para adaptá-la à sociedade, uma escola que reduz a criança à desigualdade social. A escola ao invés de adaptar a criança, faz com que a criança tenha que se adaptar a ela. Por não estar adaptada a essa realidade, seus alunos não aprendem porque ela não leva em conta as suas diferenças.

Geralmente as instituições não levam em consideração a situação familiar de cada criança, podendo dificultar a sua aprendizagem escolar. Para superação desse fracasso, é importante que a escola conheça as características dos alunos.

São muitos os obstáculos a serem vencidos pelas crianças das camadas populares no seu processo de alfabetização. Entre eles, a inadequação do currículo, as condições sócio-econômicas, a formação deficiente dos professores em educação, o investimento insuficiente em educação pública por parte do Estado, as condições infraestruturais de nossas escolas, entre outros.

Ninguém pode negar que o fracasso escolar dos alunos, em primeiro lugar está ligado a fatores de discriminação social existentes fora da escola. Porém é importante considerar com detalhe a incidência de fatores intra-escolares. Ferreiro (1999: p. 15) diz: *“que não há maneira de atacar seriamente esses fatores internos ao funcionamento da instituição escolar, se não atacarmos seriamente o problema da qualidade de ensino”*. Sem deixar de lado as considerações a respeito do contexto social em que o sujeito se encontra.

Uma Pedagogia articulada com os interesses populares valorizará a escola e levará em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos. Se a educação é mediação, significa que ela não se justifica por si mesma. (SAVIANI, 1999)

Provavelmente, quando a escola, enquanto instituição assumir a responsabilidade de contribuir para que o educando se torne alfabetizado, no sentido amplo, desde o início do processo, haverá indivíduos integrados e participantes não só na escola, mas na sociedade como um todo.

“Emília Ferreiro (1999: p.11 - 15) explicita que a própria instituição culpa o indivíduo pelo seu

fracasso e crê que o sujeito traz consigo a origem de sua própria alienação. Ela supõe que esse fracasso está ligado a vários fatores que interferem na aprendizagem do aluno”.

Mesmo tendo consciência desses fatos a escola não faz nada para mudar este quadro. O fracasso na alfabetização, nessa perspectiva, é o resultado da falta de domínio de habilidades básicas (discriminação visual e auditiva, coordenação visomotora entre outros), imaturidade ou disfunções psiconeurológicas do aprendiz (SOARES, 1985)

Tais informações citadas dizem respeito aos obstáculos enfrentados pelos profissionais da escola pública, diante do desafio de alfabetizar as crianças das camadas populares. Essas dificuldades decorrem, fundamentalmente, na nossa opinião da falta de referencial teórico que possibilite compreender, orientar e identificar o processo de alfabetização dessas crianças.

Diante dessa perspectiva, pode-se afirmar que é possível a superação dos fatores que dificultam a aprendizagem.

Porém, ao se enfatizar a necessidade do conhecimento do referencial teórico e das variáveis que influenciam o processo, não se deve deixar de lado a necessidade de organizar a prática pedagógica, pois se pode cair no espontaneísmo ingênuo que continuará a não resolver a questão do fracasso escolar, no que diz respeito à alfabetização.

A alfabetização no enfoque psicolingüístico é concebida como um processo de construção, que atinge diferentes níveis a partir da experiência e da vivência. Seu objetivo maior é contribuir para o letramento do aprendiz que pode assim, utilizar este conhecimento para benefício e satisfação própria.

Compete também à escola, além de estimular o desenvolvimento de conhecimentos e de técnicas que favoreçam a leitura e a escrita, estimular uma

tomada de posição diante da leitura. Nas palavras de Bettelheim & Zelan (1984), que poeticamente ilustram esta questão:

“O que é fundamental para que a criança deseje aprender a ler não é o conhecimento da utilidade prática da leitura, mas a crença firme de que ao saber ler se abrirá diante dela um mundo de experiências maravilhosas que lhe permitirão despojar-se de sua ignorância, compreender o mundo e ser dono de seu destino”.

Apesar de entregue a professores inexperientes, recém-saídos do curso de Magistério, a alfabetização é um período importante e que costuma apresentar dificuldades sérias, tanto para o aluno quanto para o alfabetizador. Segundo o professor Fernando Marson (1986), da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, muitas dessas dificuldades podem ser afastadas se o profissional responsável por essa fase inicial do aprendizado escolar utilizar seu espírito crítico, sua criatividade e, sobretudo, souber respeitar a criança e sua cultura.

Todos alfabetizadores devem ouvir a criança para conhecê-la e conquistá-la. O jeito do aluno falar não deve ser reprimido pelo educador. Ao contrário, o ato de ouvir seu aluno deve ser prioritário, só assim será levado em conta os conhecimentos que o aprendiz tem a respeito da língua antes do processo formal.

O importante, em termos de alfabetização e de educação, é ativar a capacidade produtiva da criança, usando os elementos que já são conhecidos por elas, levando em conta o comportamento antigo é que se pode gerar novos comportamentos.

Muito se tem falado a respeito da falta de preparo do professor. Os cursos de Magistério são questionados e responsabilizados pela inabilidade em tratar o tema de alfabetização. As questões são longas e complexas, perspectivas para

solucionar o problema envolvem além do tempo, a reformulação do sistema educacional como um todo.

Esperar por uma otimização a curto prazo é sem dúvida uma expectativa que não considera dados da realidade. Acredita-se que a curto e médio prazo podem ser organizadas situações para contornar os principais problemas.

Se não é possível que todos os professores tenham acesso a uma formação específica que os possibilite a lidar melhor com a alfabetização no sentido mais amplo, é fundamental e essencial que o orientador o faça e como agente multiplicador, oriente e organize o sistema de ensino.

A postura de constantes encaminhamentos das crianças que apresentam dificuldades decorrem do fato de que dentro da instituição escolar não existe pessoal especializado para lidar com esta questão. Quando se faz referencia aos ensinamentos, tem-se o objetivo de ressaltar que muitas crianças poderiam ser orientadas dentro da escola e acabam, por deficiência da intervenção, "fabricando problema".

A pauperização da profissão docente, juntamente com a descaracterização de acesso a diferentes níveis de ensino no país, são responsáveis por uma mudança do perfil do educador. Embora seja um fato, a mudança no perfil e a origem social desses professores não podem deixar incólumes os cursos de formação culpando os discentes e sua origem como determinantes no fracasso escolar, mas analisar o caráter dos cursos de formação de 2º grau, pois são eles que preparam, inadequadamente, esses profissionais.

Os cursos em questão, ao tempo que preparam seus profissionais para o ensino da língua escrita, devem propor o objetivo de transformar esse professor num usuário-produtor da escrita e num leitor crítico e interativo, de fato, pois somente

dessa forma ele poderá, com segurança atuar como parceiro de um aprendiz em sua conquista desse objeto histórico social, que é a escrita.

A criança necessita estar em permanente contato com a linguagem escrita, de igual modo como lida com a língua falada para que se torne um usuário da mesma, em situações reais. A alfabetização é muito mais do que o treinamento de técnicas; a prática escolar deve assegurar que os alunos descubram como a escrita funciona em relação à fala e que a escrita representa a própria fala. Como a expressão oral constitui-se um registro dinâmico, porém vulnerável, enquanto a escrita é a representação material dos fatos, capaz de perenizá-los através dos registros em livros e anais da humanidade, compete ao professor demonstrar ao aluno a importância e a necessidade de aquisição desses domínios lingüísticos.

As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram através de contextos sociais adequados que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais. Segundo Emília Ferreiro, (1999: p.25) são os adultos que dificultam a aprendizagem, imaginando seqüência fantasiadas de progresso cumulativo, estimulando modos idealizados de fala que estariam ligados à escrita e construindo definições de 'fácil' e de 'difícil' para o autor principal da aprendizagem: a criança.

Tudo isso tornou a aprendizagem da leitura e da escrita mais fácil. Para compreender o fracasso no aprendizado da língua escrita é importante conhecer o funcionamento do aluno no tocante à relação que estabelece com essa aprendizagem; apenas a informação a respeito do funcionamento lingüístico, não é suficiente para identificar o problema e nortear a intervenção.

Por outro lado, as perfeccionistas não aceitam produções intermediárias, desejam que logo de início a sua produção seja muito semelhante ao modelo dado, ou ao produto daquele que consideram como exitosos no aprendizado.

É preciso enfatizar que o preconceito lingüístico é um dos mecanismos de discriminação, no interior da escola, com maiores conseqüências para a criança. Primeiro, porque ao desprezar uma variante dialetal, se está desprezando não somente o sujeito, mas também o grupo social a que ela pertence. Segundo, por que ninguém pode mudar sua forma de falar por um ato de vontade individual. Ferreiro (1999: p. 26)

“Diante do exposto enfatiza-se que há uma diferença fundamental entre a concepção tradicional, que considera que o primeiro passo na aquisição da língua escrita é a aquisição de uma técnica de codificação/decodificação, e a caracterização desse processo de aquisição com a compreensão de um modo particular de representação da linguagem. A escrita é um objeto social, mas a escola transformou-a em um objeto exclusivamente escolar, ocultando ao mesmo tempo suas funções escolares”. (1999: p.25-31)

Quando existem dificuldades no funcionamento cognitivo, estas refletirão também na produção da leitura e da escrita. Assim, o discente que tiver dificuldade para classificar, seriar, poderá também, no caso da leitura e da expressão, ter mesma dificuldade ao não conseguir fazer a seleção das idéias de uma determinada passagem.

“Numa sociedade letrada, aqueles que não são alfabetizados, são vistos como inferiores. O papel de alfabetizador, para a criança das classes populares, é essencialmente, criar nela que não vê sentido no aprender a ler e escrever, o sentido para escrever e ler. Só que a escola ignora o universo no qual a criança vive,

exige dela conhecimento que não possui, deixa de informá-la sobre questões importantes e, acima de tudo, não leva em conta o que ela já sabe, rotulando-a de incapaz para aprender o que, efetivamente, contribui para que não aprenda. A escola trabalha muitíssimo bem o sentimento de menos valia nas crianças das classes populares. E com isso contribui para a manutenção desta sociedade tal como se apresenta discriminadora e excludente". (GARCIA, 1993: p. 60-61)

Vive-se numa sociedade letrada, onde não se nasce leitor, e apenas 5% da população aprende espontaneamente a ler e a escrever (Condemarin, 1986), o restante necessita aprender formalmente, para que possa participar integralmente do mundo letrado que o rodeia.

Apesar de todos os esforços no sentido de se desenvolver pedagogias que melhor desempenhem a função de alfabetização, o que se percebe é que cada vez é maior o número de crianças que apresentam dificuldades e que devido a isso evadem da escola, o que significa dizer: são excluídas da possibilidade de se tornarem letradas. Além de terem sofrido a marginalização social tem comprometido a sua imagem como aprendiz. (Bethelheim, 1984).

1.1.1. A Apreensão das Múltiplas Linguagens no Processo de Alfabetização

A alfabetização tem sido uma questão bastante discutida por aqueles que se preocupam com a educação, ela tem sido abordada pela sociedade como uma introdução ao mundo letrado que permitirá mais tarde, ao aprendiz, utilizar-se dos recursos técnicos fornecido pelo processo.

Dentro desta visão que se chama de "introdutória" ao mundo da escrita, ênfase dada aos aspectos formais da escrita, valorizando-se demais a

aprendizagem da ortografia e da sintaxe, igualmente, a leitura e abordada somente no aspecto mecânico da decodificação, ficando a leitura compreensiva para ser desenvolvida posteriormente.

Quando a alfabetização é vista como um processo mais complexo do que a capacidade de associar fonemas e grafemas, evidencia-se a sua característica de incompletude. Segundo TFOUNI (1988), ela não se encerra com a escolaridade, mas está intimamente associada a ela, tendo em vista ser na escola que formalmente se realiza.

A pesquisa de Emilia Ferreiro (1985) mostra também que a criança não se alfabetiza apenas pela ação da intervenção do professor, pois ela traz hipóteses resultantes de sua interação com o ambiente que a rodeia.

O processo de alfabetização é dinâmico e complexo, proporcionando o surgimento de diferentes níveis de desenvolvimento da escolarização. Isto não significa desenvolver o papel da escola, porém ela não deve ser vista como único espaço onde o processo ocorre. O que se têm percebido no decorrer dos tempos é que as crianças que mais fracassam na alfabetização são as menos favorecidas, ou seja, as que fazem parte de uma classe social baixa e não tem a menor condição de oferecer ao filho uma estrutura que o subsidie na alfabetização em casa. Já se observou, por exemplo, que aos cinco ou seis anos de idade a ocupação e o nível de instrução dos pais mostram maior correlação com o êxito ou fracasso escolar. (FURTH, 32)

Do ponto de vista social, sabe-se que a criança proveniente de ambiente letrado e que já teve contato com a leitura e a escrita, possui no seu contexto interno informações que a ajudará a lidar melhor no processo de aprendizagem.

Porém, é bom lembrar que apenas a estimulação ambiental não garante o sucesso no aprendizado; é preciso considerar os demais componentes do processo: as variáveis psicológicas e as lingüísticas.

Por não tratar adequadamente a escrita e a fala na alfabetização, a escola encontrará dificuldades sérias para lidar com a leitura. Afinal a leitura, na sua função mais básica, nada mais é que a realização do objeto de quem escreve. Em geral, as escolas não sabem o caminho ideal para fazer de seus alunos bons leitores e isso traz conseqüências graves para o futuro destes, que obviamente terão dificuldades enormes em continuar na escola, onde a leitura se faz necessária a todo instante, e serão fortes candidatos à evasão escolar.

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição do conhecimento, de como vem evoluindo o emocional dos discentes em seu processo de interação social, da natureza e da realidade lingüística, envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condição terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

Agindo dessa forma, o educador estará livre para selecionar os métodos, as técnicas, buscará os rumos e o ritmo que considerar mais adequados a sua turma, colocando sua sensibilidade acima de qualquer modelo preestabelecido. A alfabetização é sem dúvida, o momento mais importante de formação escolar de uma pessoa, assim como a invenção da escrita foi o momento mais importante da História da humanidade.

Diante disso, acredita-se que o primeiro passo para a transformação efetiva da educação brasileira seria uma mudança radical em sua concepção, ou seja, oferecer à criança uma educação que trabalhe com e não contra ela.

“É preciso que se reconheça o alfabetizador como fundamentalmente um professor de língua e que lhe sejam dadas as condições para apossar-se dos conhecimentos necessários ao desempenho dessa função. Tais condições passam, sem dúvida alguma, pelo oferecimento de melhores condições de trabalho, por salários dignos que lhe permitam dedicar-se integralmente e de forma competente à sua ação pedagógica, bem como possibilitar-lhe o acesso às obras literárias, publicações técnicas, cursos e conferências sobre seu objeto de trabalho, o que não é compatível com sua condição sócio - econômica atual”. (Guiomar, 1985).

Convém ressaltar que o objetivo da escola deste novo milênio deve ser o de formar cidadãos críticos e reflexivos, capazes de atuar num mundo cada vez mais globalizado, cheio de desafios e inovações tecnológicas, científicas e ideológicas. Paradoxalmente, a educação pública está imersa naquilo que (PINSRY, S/D) chama de *“pacote de mediocridade”*, que consiste na idéia de que o professor finge que ensina, o aluno finge que aprende, a nota é dada generosamente e tudo está conversado. Diante desse contexto educacional, até que ponto a educação tem se legitimado como êxito ou insucesso aos olhos do aluno, do professor e enfim, da sociedade como um todo?

1.1.2. A Escola Não é Lugar Exclusivo para o Ato de Aprender a Ler e Escrever. É um Espaço Aberto para Aprender

À luz de uma concepção internalizada ao longo do tempo pela sociedade em geral, pode-se afirmar que pouca coisa mudou no fazer escolar. Ainda se tem em

mente que a “escola” é o lugar onde a criança aprende a “ler e escrever”. Esquece-se que o ambiente escolar é o espaço extensivo da vida e que a convivência implica em relações sociais as mais diversas. Nelas, os exercícios constantes de troca de emoções, desafios, vitórias, derrotas, alegrias, tristezas e reflexos do mundo externo ali são colocados por alunos, professores, direção, funcionários, comunidade.

Vale ressaltar que as crianças da classe dominante não dependem da escola para se desenvolver intelectualmente, visto que seu ambiente familiar lhes propicia as condições necessárias para tal, as crianças das classes populares são enviadas à escola por seus pais, em busca do convívio com alguém que por ser diferente dela – adulto e letrado possa lhe promover o acesso a um mundo igualmente diferente e dominante.

Normalmente, a escola “ensina” a escrever somente ao aluno que já sabe. Segundo os professores, aqueles que não sabem, “não adianta”. De acordo com Silva (1984), “quanto mais ‘carente’ é a criança, mais pobre de estímulo e experiência é a educação que a escola lhe oferece”.

Em contato com os professores das escolas públicas, observa-se queixa constante quanto ao grande número de alunos por sala, com um só professor para atendê-los, o que não dá condições de uma assistência mais de perto. Há ainda queixas da obrigatoriedade de se cumprir um programa, o qual muitas vezes, não condiz com a realidade da criança.

Um ensino que apresente tal dicotomia, obviamente não a motivará. A criança não motivada não aprenderá, pois, segundo Piaget, o interesse da criança está intrinsecamente ligado às suas reais necessidades de desenvolvimento e, portanto, só será motivada se o objeto de ensino corresponder a estas necessidades. Com base nas palavras de Smith (1992) “as crianças aprendem

facilmente sobre a língua falada quando estão envolvidas no seu uso, quando a língua tem possibilidades de fazer sentidos para elas. E do mesmo modo as crianças procurarão entender como ler, sendo envolvida no uso da leitura, em situações em que a língua escrita possa fazer sentido para elas e com isso elas possam gerar e testar hipóteses”.

É bem provável que uma preparação para a alfabetização alicerçadas no modelo de desenvolvimento das habilidades lingüísticas e cognitivas, necessárias à aprendizagem de leitura e de escrita, tendem a eliminar as diferenças acentuadas de desempenhos que se constata entre os indivíduos.

“Considera-se o ano de 1789 com o marco fundamental da associação duradoura entre a alfabetização e a escola. Comemorou-se, em 1989, duzentos anos de estilos e fracassos que marcou a trajetória da escola no seu propósito de garantir a todos indiscriminadamente, o acesso à cultura escrita. Segundo Barbosa (1994: p.16) salienta, que na verdade aquela associação iria se efetivar quase um século depois quando a promulgação das leis fundamentais dos anos de 1808, que estabeleceram as bases da escola pública obrigatória e gratuita. Nesse sentido, 1785 é apenas o marco inicial, pois a escola de Jules Ferry década de 1880 que concretiza o modelo escolar de alfabetização tal que o concebemos até hoje”.

Houve um longo período em que essas duas aprendizagens eram conhecidas de modo distinto, separado e sucessiva no tempo, e os métodos até então existentes eram aplicáveis à educação privada, individual, aplicada pelo perceptor, percussor do pedagogo. Segundo François Neufchâteau (1994), um dos incentivadores da nova concepção, os autores desses métodos não sonhavam com a educação do povo. Sendo que a leitura e a escrita concebidas como aprendizagens individuais e distintas, somente as crianças cujos pais pudessem

custear um perceptor eram iniciadas na arte de traçar as letras no papel - e isso, depois de longos anos de aprendizagem da leitura.

Havia aqueles que ensinavam a ler, outros ensinavam a escrever e outros ainda ensinavam só a contar. Na classe onde o mestre ensinava as três habilidades, o ensino era o único ensino dado coletivamente para cada uma dessas aprendizagens, o custo era diferenciado.

“Além disso, escrever era uma atividade complicada: Imagine uma criança tentando traçar caracteres cheios de arabescos com uma pena de ganso entre os dedos, a (pena de ferro ou de aço só foi inventada em 1830). A escrita era considerada uma arte, uma coreografia da pena que implicava uma posição correta do corpo”. Barbosa (1994: p.17)

Sobre este enfoque, ler, escrever, falar e escutar são processos psicolinguísticos que se relacionam e interatuam (Goodman, 1982). Assim sendo, nesta abordagem, a proposta pedagógica não se fundamenta apenas na língua escrita. Nela, a língua oral tem papel fundamental e o que está em evidência é a integração entre o pensamento e a linguagem nas diferentes modalidades de expressão.

Percebe-se que a língua oral tem um papel fundamental no processo de tradução do significado. Se o aluno tiver dificuldade para parafrasear na língua oral, esta dificuldade ocorrerá na compreensão leitora, pois ele não conseguirá explicar o conteúdo.

O modo como a criança aprende a linguagem oral devia nortear o processo de ensino-aprendizagem da língua escrita. KEMETH Goodman, (1981) disse uma vez que se fosse para se ensinar a falar dentro da escola o resultado seria “classes de recuperação de falar”.

A realidade educacional tem demonstrado que a linguagem oral tem pouco uso na escola. Na alfabetização, o aluno é estimulado a falar e até se abre um espaço organizado para que isso não aconteça: "a hora da novidade". Mais tarde, quando os alunos se tornam um escolar, não há tempo para falar, os alunos falam entre si assuntos não ligados ao conteúdo e os professores usam da linguagem oral para o controle disciplinar.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a concretização deste trabalho foram realizadas leituras e fichamentos de textos teóricos, a fim de obter conhecimentos que embasassem a temática.

Na segunda fase do trabalho realizou-se a parte prática através de coleta de dados, observação direta, questionário contendo perguntas abertas e fechadas.

A entrevista ocorreu através de perguntas abertas e fechadas. Abertas feitas a professores e alunos de alfabetização e fechadas e abertas para os alunos de 1ª a 4ª séries, perguntas estas lidas pelo entrevistador.

A instituição em que se realizou a pesquisa foi a Escola Oficina Professora Gleideselma Santos Lima, localizada na cidade de Piritiba. Explicitando que, o principal motivo de se escolher tal escola foi o fato da mesma dispor de um maior número de turma de alfabetização, uma vez que a intenção do trabalho era verificar o desempenho de alunos de diferentes turmas.

A primeira etapa do trabalho, constituía-se de um questionário com perguntas abertas, contendo 19 perguntas que foram respondidas por 06 professores de Alfabetização que lecionam em turnos diferentes, conforme a tabela abaixo. Vale ressaltar que desses 06 professores, quatro são concluintes do curso de Pedagogia da Rede UNEB – 2000 / Piritiba, enquanto que as demais cursaram o Magistério do Ensino Médio.

NÚMERO DE ENTREVISTADOS

	Professores
Matutino	04
Vespertino	02
TOTAL	06

Fonte: Pesquisa de Campo / 2001.

A segunda etapa constitui-se de questionário com perguntas abertas e fechadas, que foram respondidas por vinte e três alunos que estudam em turnos diferentes, conforme tabela abaixo:

NÚMERO DE ENTREVISTADOS

	Alunos
Alfabetização	09
1ª Série	04
2ª Série	04
3ª Série	03
4ª Série	03
TOTAL	23

Fonte: Pesquisa de Campo / 2001.

A entrevista foi feita com o objetivo de conhecer os fatores que dificultam o processo de leitura e escrita de cada aluno. Mediante a pesquisa feita aos alunos de Alfabetização.

Das 18 perguntas para os 23 alunos, escolhemos aquelas que nos forneceram dados precisos para realizar esse trabalho.

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Analisando as concepções apresentadas pelas professoras através do questionário conclui-se que algumas das causas que levam o aluno ao fracasso escolar podem estar associadas à falta de qualidade da formação do professor. Mediante o despreparo, nota-se que essas professoras anseiam por mudanças e transformações na sua prática pedagógica.

Segundo opinião de algumas professoras entrevistadas, afirmam que toda criança tem que ter um pré-escolar, antes de começar a 1ª série, pois a maioria dos alunos chegam na escola fazendo garatujas. E no meio do ano alguns educandos ao nível silábica, interpretam a letra a sua maneira, atribuindo o valor de sílaba a cada letra. Outros, na fase silábica-alfabética, misturam a lógica da fase anterior com identificação com algumas sílabas.

É importante salientar que os alunos das 1^{as} e 4^{as} séries apresentam dificuldades fonéticas e ortográficas em relação à escrita. Foi observado que as turmas têm dificuldades de produzir textos individuais e coletivos, devido à insegurança e o não domínio da escrita.

Após análise dos questionários, verificou-se que a maioria das professoras entrevistadas afirmam que são os pais os principais responsáveis pelo fracasso escolar de seus filhos, que a falta de material didático apropriado, desinteresse por

parte dos alunos, a má alimentação em casa, devido à precária condição financeira em que a criança vive.

Percebe-se que os fatos citados acima podem prejudicar seriamente as crianças, tornando-as agressiva, desmotivadas e maus comportados por não encontrarem apoio em suas famílias. Pilletti (1988): *“afirma que esse fatores podem dificultar a aprendizagem do aluno levando-a ao fracasso escolar”*.

Verificou-se também que alguns docentes não internalizaram a amplitude do ato de alfabetizar, ou seja, acreditam que para estar alfabetizado, basta que o alunos saiba codificar e decodificar sinais gráficos.

Quanto às produções dos alfabetizandos, nota-se certa resistência por parte de alguns deles em escrever determinadas palavras. Isto acontece porque alguns professores valorizam o acerto, privilegiando aqueles que escrevem de acordo com a norma culta.

Isto ficou nítido a partir do momento em que o aprendiz respondia às perguntas da entrevista, e apresentava dificuldades em grafar determinadas palavras.

Para alguns professores resta simplesmente atribuir a culpa ao *“desinteresse”* do aluno, quando na verdade, ele mesmo deveria perguntar-se o que não fez e o que poderia ter sido feito para que tal quadro se revertesse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa monográfica foi possível, sobretudo em função da metodologia aplicada com vistas a alcançar os resultados apresentados.

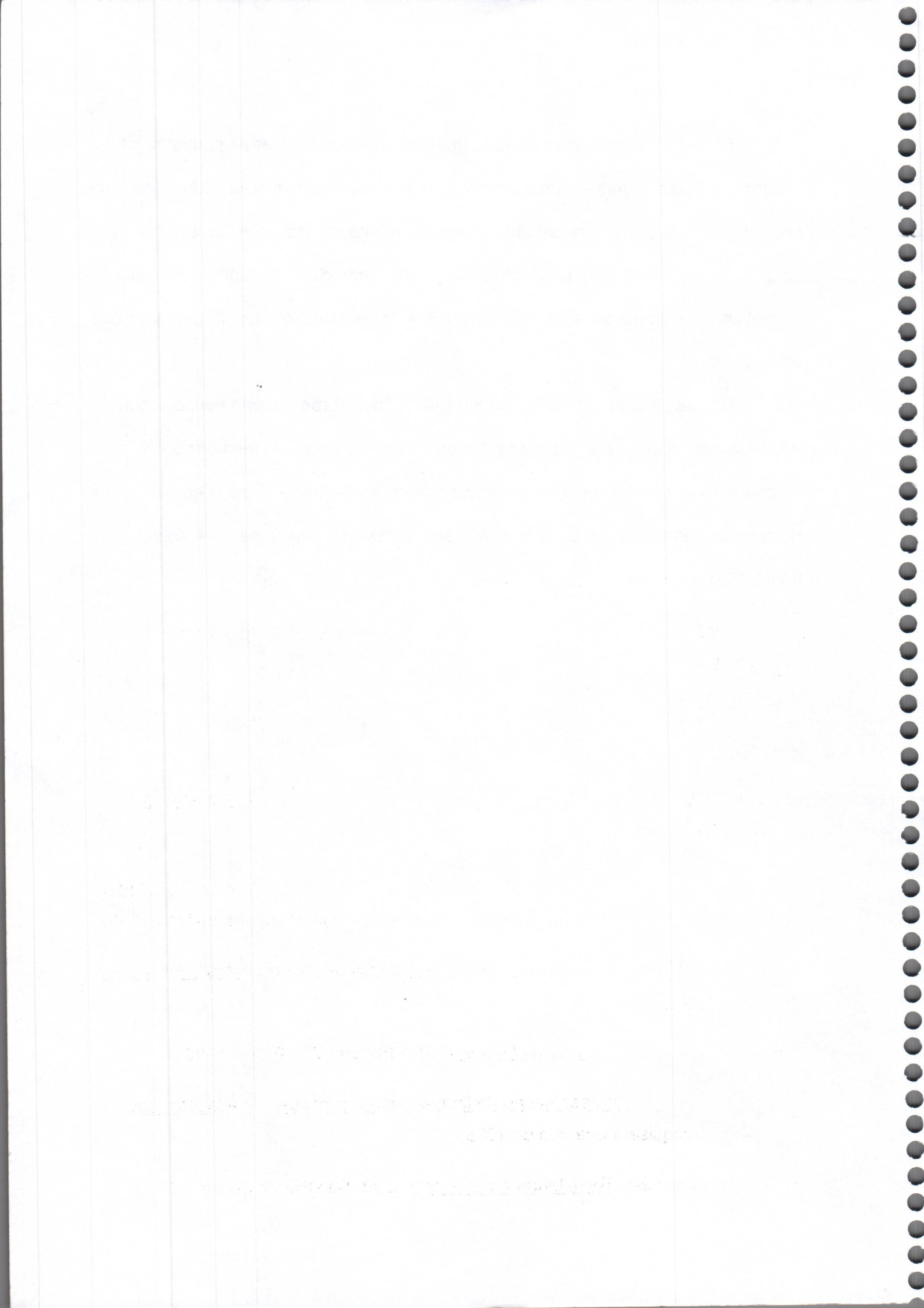
Muitos alunos ao perceberem que não conseguem aprender, desiludem-se com a escola, a ponto de abandoná-la; para alguns professores resta simplesmente atribuir a culpa ao “*desinteresse*” do aluno, quando na verdade, ele mesmo deveria perguntar-se o que não fez e o que poderia ter sido feito para que tal quadro se revertesse.

Os alunos sentem a necessidade de um professor companheiro, mais dedicado, leitor e que aceite seus alunos sem preconceito e sem cobranças, professores que não joguem a sua responsabilidade nos seus pais e que não fujam de seus compromissos, pois um dos fatores mais agravantes é o próprio mestre que muitas vezes deixam de agir como deve e devido à baixa remuneração não se empenha em formar essas crianças como cidadãos críticos e capazes de atuar na sociedade com responsabilidade, qualidade e respeito ao próximo.

São inúmeros os fatores (sócio, econômico, cultural) que contribuem para o insucesso e /ou êxito na alfabetização. É preciso, portanto, que se implante uma política de conscientização capaz de despertar a sociedade para o fato de que só uma educação de qualidade pode formar verdadeiros cidadãos.

Seria necessário antes de tudo (mesmo antes de ensinar as primeiras letras, sílabas, palavras e frases) que o professor alfabetizado nos dias atuais; em que circunstâncias a pessoa necessita do conhecimento da leitura e da escrita. Para tanto, é fundamental que o alfabetizador tenha bem claro consigo o conceito de alfabetizar, que como se sabe vai muito além de escrever e decodificar aquilo que está escrito.

Os resultados dessas informações *“permitiram compreender que a Alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, e, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem”*. (PCN, 1997: p. 21).



BIBLIOGRAFIA

ALIENDE E CONDEMARIN. Leitura: teoria, avaliação e de desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e leitura. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação do Professor; V. 16).

BRUNO BETTELHEM / KAREN ZELAN. Psicanálise da Alfabetização. Artes Médicas, 1984.

BRYANT e BRADLEY. Problemas de leitura na criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Lingüística. 10ª ed. (3ª impressão). Editora Scipione: São Paulo, 1999.

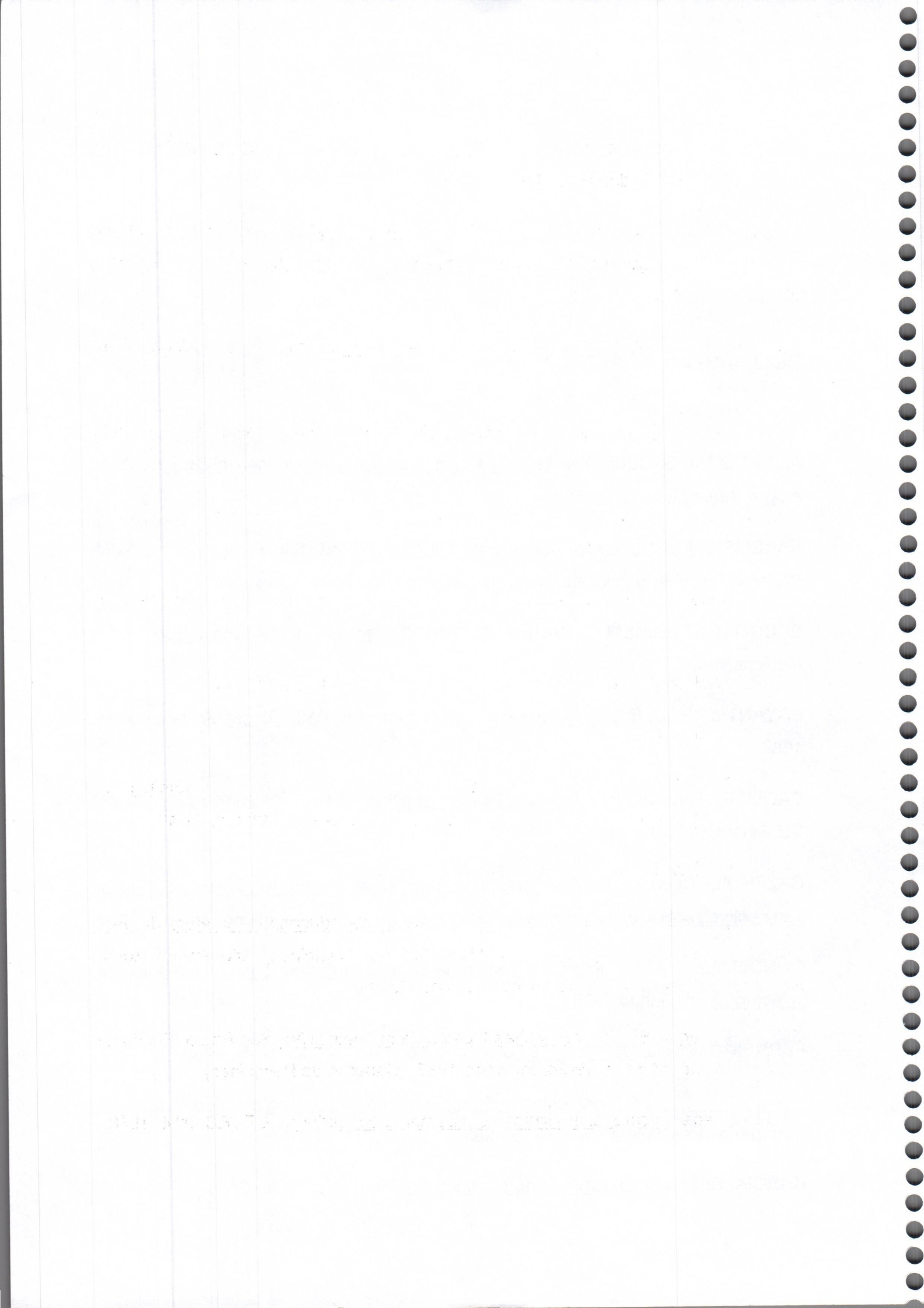
CAZENDE, Courtney B. La Lengua escrita in contextos escolares in Nuevas perspectivas sobre los procesos de legua y escritura. Siglo Veintiuno Editores, 1982

CONDEMARIN, Mabel. Iniciacion Temprana en la lectura: Interrogantes y respuestas in lectura y vida, junho 1986.

FERREIRO, Emília. Com todas as Letras. Cortez Editora: São Paulo, 1999.

_____. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. In: Caderno de Pesquisa, Fevereiro de 1985.

GARCIA, Regina Leite. Revistando a pré-escola. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.



GATTI, Bernadite A. et. al. A representação na 1ª série do 1º grau: um estudo de caso. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, nº 38, p. 3-13, agosto, 1981.

GOODMAN, Renneth. El proceso de Lectura: Consideraciones através de las lenguas y del desarrollo in Nuevas perspectivs sobre los processos de lectura y escrita. Siglo Veintiuno Editores, 1982.

JORM, A. F. Psicología das dificuldades em leitura e ortografia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KATO, Mary A. A concepção da Escrita pela criança. 2 ed. Campinas, São Paulo: Pontos, 1992.

MELLO, Guiomar Namó de. Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político. São Paulo: Cortez, 1988.

PCN: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997, p. 144.

PILETTI, Nelson. Psicologia Educacional. São Paulo: Editora Ática, 1988.

PINSKY, Jaime. Cidadania e educação. Editora Contexto.

POERSCH, José Marculino. Núcleo mínimo de formação Lingüística do Alfabetizador. Brasília: Em Aberto, INEP, ano 2, nº 12, janeiro, 1983, p. 31-49.

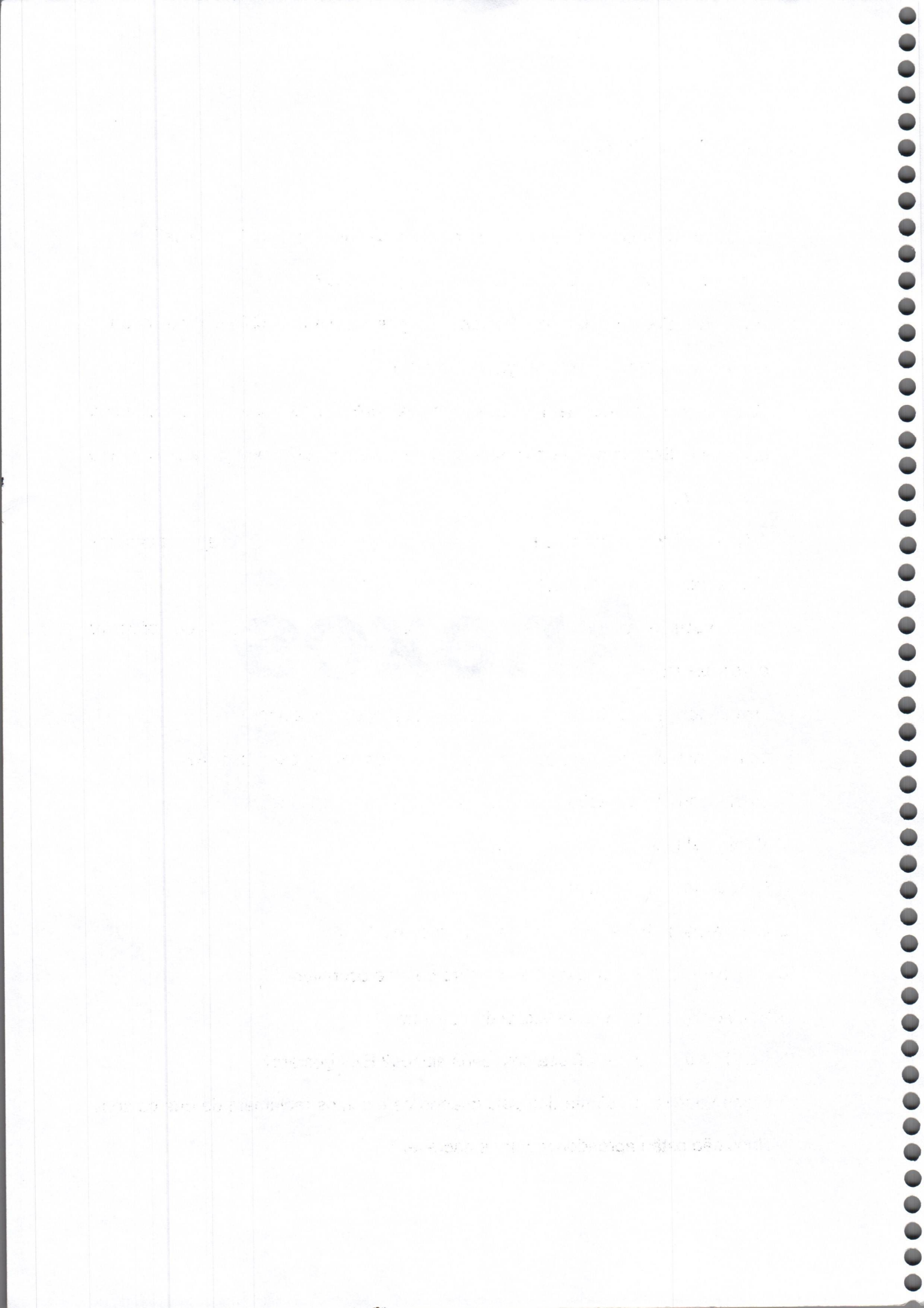
REVISTA NOVA ESCOLA, nº 8, novembro de 1986.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia: Teoria da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação e política. 32ª ed. Campinas, São Paulo: Autore Associado, 1999. (Coleção solêmicas do nosso tempo).

SOARES, Magda Becker. AS muitas facetas da alfabetização. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº 52, p. 19-24, fevereiro 1985. (Caderno de Pesquisas)

TFOUNI, Leda. Escrita, alfabetização e letramento em caderno. CEVEC, nº 4, 1988.

Anexos



ENTREVISTA AO PROFESSOR

1. Quais os problemas de aprendizagem que você enfrenta na sala de aula?
2. O que você faz para ajudar a resolver esse problema?
3. Você já detectou quais os fatores que possivelmente estão atrapalhando o desenvolvimento dessas crianças? Explique?
4. Quantos alunos você tem com esse problema? Como você está trabalhando com eles? Será que um desses fatores não é a família? Você já estudou sobre isso? Como?
5. Além dos fatores citados quais são os outros que influenciam na aprendizagem? O que facilita e o que dificulta na aprendizagem?
6. Para você a escola como uma instituição social é capaz de oferecer aprendizagem?
7. De que forma você trabalha a escrita e leitura dos seus alunos?
8. Qual a metodologia utilizada por você para trabalhar em sala de aula?
9. Qual o tipo de avaliação que você utiliza com mais frequência?
10. Você gosta de alfabetizar? Por quê?
11. Qual a maior dificuldade em alfabetizar?
12. Seus alunos são interessados nas aulas ou não?
13. O que você faz quando o aluno demora de ler e escrever?
14. Você os ajuda na hora da leitura de que forma?
15. Que tipo de leitura você usa com seus alunos? Eles gostam?
16. Como você reage diante dos pais quando os mesmos reclamam de que os seus filhos não estão aprendendo a ler e escrever?

17. Quando você começou a alfabetizar? Você fez ou está fazendo algum curso de aperfeiçoamento?
18. Na sua escola há material adequado para a prática da leitura?
19. O que você acha que falta para que as aulas de leitura e escrita fiquem melhores?



The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that every entry should be supported by a valid receipt or invoice. This ensures transparency and allows for easy verification of the data.

In the second section, the author details the various methods used to collect and analyze the data. This includes both manual data entry and the use of specialized software tools. The goal is to ensure that the data is both accurate and easy to interpret.

The third part of the document provides a detailed breakdown of the results. It shows that there is a clear trend in the data, which is consistent with the initial hypothesis. This finding is significant as it provides strong evidence for the proposed model.

Finally, the document concludes with a summary of the key findings and a list of recommendations for future research. It suggests that further studies should be conducted to explore the underlying causes of the observed trends and to test the model under different conditions.

ENTREVISTA AO ALUNO

Assinale sim ou não:

1. Você gosta de ir para a escola?

() Sim () Não

2. Você costuma ler quando sai da escola?

() Sim () Não

3. O ambiente que você estuda atende todas as suas necessidades?

() Sim () Não

4. Você concorda que o método de ensino prejudica sua aprendizagem pelo fato de que o professor é autoritário?

() Sim () Não

5. Seus pais lhe ajudam em seus trabalhos da escola?

() Sim () Não

6. Você se sente amado pelos seus pais?

() Sim () Não

7. Você se sente inseguro ao responder as atividades da escola?

() Sim () Não

8. Você se sente discriminado pelos seus colegas?

() Sim () Não

9. A sua professora costuma lhe fazer elogios ao que você faz?

() Sim () Não

10. Qual a sua opinião em relação às aulas de leitura e escrita? Você gosta ou não?

E por quê?

11. O seu professor lhe ajuda na hora da leitura? De que forma?

12. Você tem dificuldades em ler e escrever? Por quê?

13. Quando você vai para casa o que você faz?

14. Qual o tipo de leitura que você mais gosta? Por quê?

15. O que você gostaria que fosse modificado nas aulas de leitura e escrita?

16. Você é capaz de fazer um texto escrito?

() Sim

() Não

17. Quando você é chamado para fazer a leitura você se sente bem ou fica com vergonha dos seus colegas e do professor? Por quê?

18. Quando você não sabe alguma coisa você questiona o seu professor para que ele lhe ajude?